

A 1002ª MANHÃ

ALONSO ALVAREZ

A 1002^a MANHÃ

SÉRIE 11º ANDAR

TEMPORADA 3


FICÇÕES

Copyright © Alonso Alvarez

Projeto editorial/gráfico Alonso Alvarez

Ilustração da capa Rafa Antón

Revisão Ana Maria Barbosa

Prêmio Proac nº 37/2014 – concurso para bolsa de incentivo à criação literária no estado de São Paulo – infantil e/ou juvenil.

As situações e os personagens desta obra são ficcionais.

Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alvarez, Alonso

A 1002ª manhã / Alonso Alvarez. -- 1. ed. -- São Paulo : Ficções Editora, 2025. -- (Série 11º andar ; 3)

ISBN 978-65-87622-25-5

1. Fantasia - Literatura infantojuvenil 2. Magia - Literatura infantojuvenil 3. Realismo fantástico 4. Realismo mágico (Literatura)
I. Título. II. Série.

25-250628

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

2025

Direitos de publicação reservados à

FICÇÕES EDITORA

rua Correia Galvão, 57

01547-010 – São Paulo – SP

www.ficcoes.com.br

editora@ficcoes.com.br

SUMÁRIO

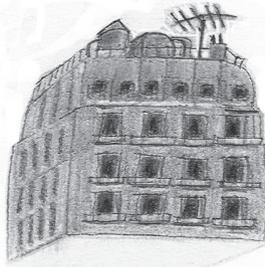
PERSONAGENS PRINCIPAIS, 9

EPISÓDIOS

1, 13	28, 103
2, 21	29, 106
3, 23	30, 109
4, 24	31, 117
5, 27	32, 121
6, 29	33, 124
7, 31	34, 126
8, 37	35, 128
9, 40	36, 129
10, 42	37, 131
11, 48	38, 135
12, 50	39, 138
13, 54	40, 139
14, 60	41, 142
15, 64	42, 146
16, 66	43, 150
17, 69	44, 153
18, 75	45, 155
19, 77	46, 157
20, 80	47, 160
21, 85	48, 163
22, 88	49, 165
23, 90	50, 167
24, 91	
25, 94	NOTAS, 171
26, 97	O AUTOR, 173
27, 100	AS TEMPORADAS, 175

PARA JOSÉ MINDLIN
(O GUARDIÃO DOS LIVROS)





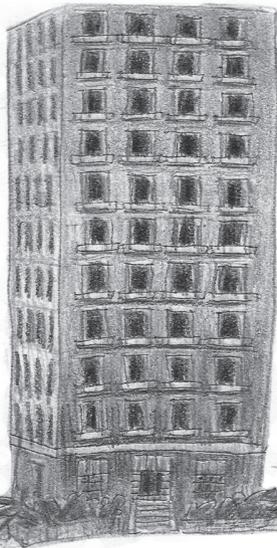
SEU CARLOS / ZELADOR

14º - RI

13º - TREZE

TURISTA - 12º

11º - O ANDAR QUE NÃO EXISTE



CLARA - 9º

BAND-AID - 8º

MARINA - 7º

**10º - A BIBLIOTECA
LABIRÍNTICA E INFINITA
DO SR. JORGES**

7º - SR. JÚLIO / SÍNDICO

**CONTRA - 5º
E O CÃO LUPICÍNIO**

O POSTE DO LUPICÍNIO

PERSONAGENS PRINCIPAIS

TURISTA - Gilberto. Ele conta que, um dia, entrou no elevador e apertou todos os botões só para zoar com o próximo usuário. No entanto, o elevador não parou mais de descer e ele acabou chegando na China, do outro lado do planeta. Durante a viagem, tirou várias fotos pela janelinha do elevador, incluindo até um registro de fósseis de dinossauro. Agora, carrega essas fotos nos bolsos e até arrisca falar algumas palavras em chinês. Ele come sem parar, justificando que precisa compensar a “falta de gravidade” no estômago, causada pelo tempo que passou de ponta-cabeça durante a viagem. Isso é um problema, já que ele é gordinho, mora no 12º andar e, após desenvolver medo de elevadores, só sobe e desce pelas escadas.

PANO-AÍO - Armando é míope e usa óculos com lentes grossas, mas prefere não enxergar a vida com nitidez, alegando que isso o irrita. Por essa razão, vive sujando e embaçando as lentes de propósito. Com os óculos sujos, ele tropeça constantemente nas coisas que estão pelo caminho, caindo e se machucando. Quando isso acontece, ele se agacha, tira do bolso uma caixa de primeiros socorros e faz o curativo ali mesmo. É um filósofo inquieto, curioso e muito inteligente. Raras vezes limpa as lentes para enxergar melhor.

CONTRA - Alfredo recebeu o apelido de “Contra” ao se mudar para o prédio, trazendo consigo seu cachorro, Lupicínio. O síndico tentou expulsar o animal alegando as regras do condomínio, mas Alfredo organizou um movimento em defesa de Lupicínio, contra sua expulsão. O cachorro venceu a disputa e permaneceu no prédio.

LUPICÍNIO - Cachorro. Durante os protestos para ele ficar no prédio, no meio de uma discussão no elevador, ele mordeu o síndico. Desmaiou na hora, ficou doente, com febre, foi internado. Os meninos alegaram que ele adoeceu depois de morder a perna do síndico, que era feita de “carne estragada” e intoxicou o cão. Além de garantir o direito de Lupicínio ficar no prédio, conseguiram que o condomínio ressarcisse as despesas veterinárias para tratar o cão.

RI - Ricardo. Foi adotado por um casal de idosos que mora no apartamento 145. Ele morava na rua em frente ao prédio e vendia balas no semáforo. Está sempre sorrindo, feliz.

TREZE - Luís. Os pais se separaram e ele escolheu ficar com o pai e veio morar no prédio. A mãe continuou no apartamento onde eles moraram, do outro lado da avenida, em frente ao prédio. Treze passa horas com um binóculo vendo a mãe na nova vida. Tímido, vivia trancafiado no quarto. Quando ele se mudou para o prédio, os adolescentes da turma lembravam dele como o menino do Treze – assim, quando se enturmou, surgiu o apelido.

MARINA - Não faz parte da turma, mas é amiga de todos. Quando a Annabel, a feiticeira, morou no 11º andar, a menina fez uma viagem à Lua. Nas noites de lua cheia, Marina encanta os amigos contando histórias sobre os lugares que visitou no satélite.

CLARA - Morava numa casa na periferia com os pais. Vieram para o prédio atrás de segurança. Ela sofre de vertigem e nem se aproxima da janela do seu quarto no 9º andar. Gosta de astronomia, tem um telescópio e ficou feliz de residir num prédio, podendo, assim, estar mais próxima das estrelas.

SR. JORGES - Velho cego que tem uma biblioteca labiríntica e infinita que ocupa todo o 10º andar e além. Fascinados pelos mistérios do lugar, os adolescentes do prédio adoram visitá-lo e ouvir as histórias e poemas dos livros.

SEU CARLOS - Zelador.

SR. JÚLIO - Síndico, chato e cheio de regras.

HÓSPEDES DO 11º ANDAR - A cada temporada, os adolescentes, o velho cego e o cachorro conseguem descer no 11º andar, o andar que não existe, e encontrar hóspedes inusitados, como Annabel, uma feiticeira prisioneira de um encanto; escritores e poetas: Poe, Fernando Pessoa, Emily Dickinson, Rimbaud, Whitman e Kafka; filósofos, cientistas, matemáticos e astrônomos: Platão, Pitágoras, Tales de Mileto, Isaac Newton, Ptolomeu e Galileu; tipógrafo e bibliófilo: Gutenberg e Rooster; e a gênia Zira.



A chuva batia na janela do quarto de Turista, como se quisesse saber o que Ri estava segurando.

— Onde você conseguiu isto? — perguntou Ri, colocando a pequena garrafa contra a luz e olhando-a com atenção.

— Troquei por um guarda-chuva com um mendigo na rua — respondeu Turista, enquanto se enxugava com uma toalha que pegou no quarto da mãe.

— Mendigo, não! — corrigiu Band-Aid. — É um ser humano em situação de rua.

Ri mexeu com a cabeça concordando, porém expressando alguma tristeza no olhar ao recordar seus dias e noites sozinho nas ruas.

— Um guarda-chuva por uma garrafa com fumacinha dentro?! — estranhou Contra, pegando a garrafa da mão de Ri e observando-a.

— Tá! O mendigo, quer dizer, o “cara em situação de rua” me disse que tem um gênio aprisionado dentro dessa garrafa maravilhosa, pronto pra realizar desejos quando libertado.

— Um gênio?! Pedidos! — duvidou Band-Aid, tocando na rolha da garrafa.

— Não abre! — gritou Turista. — A garrafa é minha, o gênio é meu, e ainda não pensei nos pedidos que vou fazer. — E tomou a garrafa das mãos de Contra.

— Gênio?! Gênio de verdade?! Desses das 1001 noites, que realizam pedidos quando libertados?! — empolgou-se Band-Aid.

— Pedidos?! — espantou-se Ri.

— Não sei quantos, o mendigo, quer dizer, o “cara em situação de rua” não falou, mas estou preparando uma lista...

— Você faz um pra mim? — perguntou Ri.

— Primeiro os meus. Se sobrar, eu faço.

— E quando você vai abri-la? — quis saber Band-Aid.

— Logo, logo... Antes, preciso dar um jeito neste apartamento...

Turista ocupava-se em encostar todos os móveis da sala nas paredes. No corredor do andar, do lado de fora do apartamento, colocou a mesa com a ajuda de Ri.

— Vou precisar de espaço, muito espaço. Este apartamento é pequeno demais pra caber todos os meus pedidos — falou Turista, jogando dentro do vaso sem flores toda a coleção de miniaturas de corujas em bronze e gesso pintado de sua mãe que estava numa das prateleiras da estante da sala, ao lado da televisão.

— O que você vai fazer com todo o tempo que vai sobrar se ele atender a esse pedido de gabaritar em todas as matérias sem estudar? — perguntou Ri, enquanto passava os olhos na lista.

— Sei lá! Eu penso nisso depois.

— Mas é um burro! — observou Band-Aid, que também olhava a lista. — Você cometeu um pleonasma...

— Burro... *Asno* o quê? É você — gritou Turista, enquanto tirava os vasos com plantas para fora da sala, juntando-os no corredor ao lado da mesa.

— Ple-o-nas-mo! Redundância, seu imbecil!... Todo sor-

vete é “gelado”; não precisa escrever que quer “cem quilos de sorvete gelado”... E só sabor morango!?

— Adoro morango! Ele vai entender...

— Essa aqui eu acho que não — duvidou Band-Aid. — “Conhecer o mundo”...

— Por quê?

— Porque “mundo” é tudo, todo o universo: sistemas planetários, galáxias, buracos negros, trilhões de estrelas, nebulosas... Quando você perceber, estará visitando a constelação Cão Maior e aí vai levar milhões de anos-luz pra voltar pra casa...

—É — concordou Turista. — Me expressei mal; eu quero mesmo é conhecer todos os países da Terra, mas gostei da sua ideia... Deixa como tá.

— Vejam esta! — gritou Ri.

Todos se aproximaram, até Treze, Contra e Lupicínio, que estavam num canto da sala observando, curiosos, a garrafa.

— Ele quer virar um menino atlético, alto, com cabelo loiro e olhos azuis... — leu Ri no papel, rindo.

— Aí eu quero ver a Clara não me notar — justificou Turista.

— Au, au! — latiu Lupicínio para Turista, já estranhando o amigo.

— Eu não acredito! — comentou Contra. — Você vai desperdiçar um pedido com o síndico?

— Eu gostei: “Transformar o síndico num poste pro Lupicínio mijar nele todas as vezes que ficar apertado” — aprovou Treze.

— Au, au! — adorou Lupicínio, e abanou o rabo.

— Eu não sei se a Clara vai gostar de você “loiro e de

olhos azuis” — comentou Band-Aid, depois de meditar um pouco sobre o pedido.

— Você acha que não?

— Tá bom! Se fosse assim ela dava bola pro Arthur lá na escola, e olha que ele não para de olhar pra ela...

— É mesmo! — arrependeu-se Turista. — Já pensaram se eu me transformo numa besta igual àquela... Pode alterar esse pedido, Band-Aid; deixa só o “corpo atlético”..

— Então, ao menos, aproveita e pede um pouco de inteligência...

— Mais!? — rebateu Turista, colocando as duas mãos na cabeça.

Lupicínio se afastou da roda e deitou-se no chão, embaixo da janela da sala que dava para o corredor do andar.

— Sai daí, Lupicínio — reclamou Turista. — Não tá vendo que nesse lugar eu vou pedir pra ele fazer surgir uma bicicleta que não precisa pedalar?

— Eu trocaria todos esses pedidos por um só — suspirou Treze.

— Qual? — quis saber Ri.

— Para os meus pais não viverem mais separados...

— Ihh, eu me esqueci! — lembrou Turista. — Escreve aí, Band-Aid: quero que ele separe os meus. Não aguento mais comer o que a minha mãe cozinha...

— Aí você vai ter que se mudar com o seu pai como aconteceu comigo? — falou Treze.

— Au, au! — latiu Lupicínio, já com saudades.

— É mesmo! Pode riscar esse pedido, Band-Aid. O que eu não faço pelos meus amigos! Até comer aquela abobrinha refogada da minha mãe. Argh!

— Au, au! — latiu Lupicínio, aliviado.

— Pode escrever um pedido pro Lupicínio? — perguntou Contra.

— Quantos têm? — quis saber Turista, enquanto empurrava uma poltrona para fora do apartamento.

— Setenta e nove! — contou Band-Aid.

— Um pequeno pode! — autorizou Turista.

Lupicínio então ficou indeciso e aflito. Começou a latir sem parar, a dar voltas atrás do próprio rabo. De vez em quando parava e olhava para o Contra com um olhar angustiado e cheio de dúvidas.

— Virar gente, nem pensar! — advertiu Contra.

— Au, au! — concordou Lupicínio.

— Eu acho que ele tá querendo dizer que quer ter o dom de ficar “invisível”, não é, Lupicínio? — tentou adivinhar Band-Aid.

— Au, au! — confirmou Lupicínio, abanando o rabo. Não era isso que ele tinha pensado, mas adorou a sugestão.

— Assim ele vai poder morder a bunda do síndico sem que ele saiba quem é. Genial!

— Au, au! — aplaudiu Lupicínio, sorrindo, mostrando os dentes e abanando o rabo.

— Puxa! Como é que não pensei num pedido assim — arrependeu-se Turista. — Lupicínio, me deixa pedir esse? Pede outro. Eu deixo você pedir um maior...

— Au, au! — discordou Lupicínio.

— Dois! Eu deixo você fazer dois pedidos: um grande e um pequeno — insistiu Turista, tentando convencer o cão.

— Au, au, au, au! — latiu mais forte Lupicínio, já ficando bravo com aquela conversa e não querendo trocar de pedido.

— Dois grandes! E ainda deixo você viajar comigo pra conhecer o mundo...

— AU! — latiu Lupicínio, um “não”, em alto e bom som.

— Tudo bem — rendeu-se Turista. — Mas que eu iria adorar ficar invisível pra entrar no apartamento da Clara, ah, isso eu iria!

— Au, au, au, au! — zouou Lupicínio, dizendo que isso ele já fazia e não precisava ficar invisível.

— Boa ideia, Lupicínio! — gostou Band-Aid, entendendo os latidos do cão. — Turista, pede pra ele transformar você num cachorro loiro e de olhos azuis...

— Tá legal! Aí vou adorar morder a tua bunda!

Todos riram.

Treze estava olhando a garrafa. Comentou:

— Que fumacinha estranha, esverdeada... E fica se movimentando. Parece que tá pulsando... Não será algum troço radioativo?

— Deixa o meu gênio em paz! Aposto que você o acordou! — gritou Turista.

— E se ele for um gênio diferente? — especulou Band-Aid. — Um gênio mesmo, de verdade, como um Einstein, que enfiaram na garrafa porque ninguém entendia o que ele dizia. Já pensaram? Aí você tira a rolha e surge um cara que fica o tempo todo mostrando a língua e explicando sem parar a Teoria da Relatividade em vez de atender aos pedidos... Você perguntou que tipo de “gênio” tem na garrafa, Turista? De repente é um Leonardo da Vinci, um Mozart... Já imaginaram?! Seria demais! Se você não gostar desse tipo de gênio, não engarrafa de novo. Dá ele pra mim...

— O cara me garantiu: esse aí atende aos pedidos; que tá aí aprisionado há mais de quinhentos anos; que ele o encontrou no lixão quando tava procurando sapatos velhos pra calçar...

— Taí! — estalou Band-Aid. — Era isso que tava me incomodando: se o cara que deu essa garrafa pra você era um ser humano em situação de rua, por que ele não soltou o gênio e fez pedidos pra melhorar a própria vida?

Turista parou de repente, com um abajur na mão. A observação de Band-Aid o deixou boquiaberto, sem resposta, sem reação, congelado. Não tinha pensado nisso. Um sentimento de decepção tomou conta do seu corpo, endurecendo-o, quando suspeitou de ter sido enganado. E o guarda-chuva nem era dele. Era do pai, que acabara de comprar.

— Vai ver que ele não queria fazer nenhum pedido, ou pode até ter pedido pra virar um mendigo, quer dizer, um ser humano em situação de rua — palpitou Contra.

— Será? — duvidou Treze.

— E se ele, o gênio, for um sujeito mau... Bem malvado, perverso, cruel, maligno, diabólico, psicopata... — especulou Band-Aid, encarando Turista, que suava, mal conseguindo respirar.

Turista, que até então estava imóvel, segurando o abajur, começou a ficar branco.

— Primeiro ele dá tudo e depois... Nhac! Tritura a pessoa em pedacinhos... — continuou Band-Aid. — Tem aqueles que são antropófagos, que adoram comer carne humana... Já imaginaram a fome dele, preso há séculos nessa garrafa? Deve estar com um apetite de devorar todos nós!

Turista deixou cair o abajur de suas mãos. Quando conseguiu falar, enquanto recolhia os cacos do chão, pediu:

— Anota aí, Treze: um abajur novo pra minha mãe, igualzinho, com a lâmpada queimada para ela não desconfiar de nada...

— Pensando bem, vou riscar o pedido do Lupicínio — resolveu Contra.

— Au, au! — concordou Lupicínio, afastando-se da garrafa.

— Vocês não vão me deixar sozinho com essa garrafa, vão? — quis saber Turista, olhando para cada amigo na sala.

— Claro que não — tranquilizou Band-Aid. — Se o gênio for malvado, vai ter que enfrentar todos nós.

— Au, au! — apoiou Lupicínio.

Resolveram procurar o sr. Jorge.